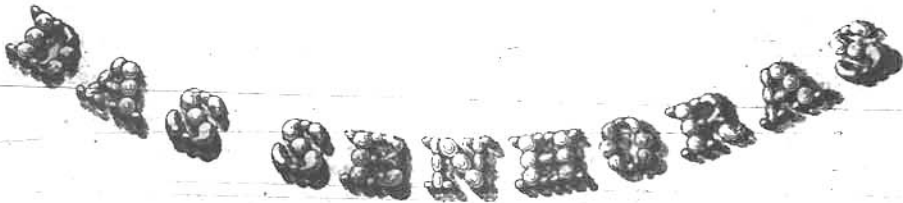


O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

∞ O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

O CARNAVAL OU ENTRUDO.



O titulo-MODAS-está por hoje suspenso; vamos ver, querida leitora, o que poderá dar o titulo - CARNAVAL OU ENTRUDO.

Li, não sei mesmo em que livro, alguma coisa a este respeito, que me parece apropriado e mui justo que seja levado ao vosso conhecimento, ainda que para mais não seja do que para terdes a caridade de explicar a etymologia das palavras-Carnaval ou Entrudo - a algum *fashionable, dandy ou leão*, que vos queira contar historias do seu alfaiaté, das luvas que comprou na casa Wallerstein, da casaca que desta vez lhe ficou um chefe d'obra, das calças, do collete, das unhas, da correntinha do seu relógio, em fim de tudo o que diz respeito a futilidades que lhe não encommodem a tal qual intelligencia que Deus lhe deu e o seu raro talento de bem trajar-se, em que elle firmou as suas mais bellas e vastas pretensões.

Uma tal conversa chama-se — maçada — vulgarmente.

E um tal *fashionable*, querida leitora, precisa que vós o domestiqueis.

Domesticar ?!

Sim, domesticar mesmo: estes *dendys* sem

instrucção são uns brutinhos pelludos, que só a mulher intelligente e compassiva será capaz de os domesticar e levar-os ao estado da verdadeira civilisação para um dia serem uteis a si e á sua patria. A dignidade e ternura da mulher está confiada esta parte essencial da civilisação; e pois querida leitora, não hesiteis em domesticar taes criaturas: a missão é nobre, e o resultado é todo em o nosso favor—Quanto mais bem educados forem os homens, melhor saberão amar e respeitar a mulher.

Mas vamos ao que diz o livro:

« Di-se o nome de carnaval ou entrudo, como todos sabem, áquelle tempo que precede a quaresma, e é por toda a parte destinado aos prazeres e aos divertimentos. Varias são as etymologias que dão a estes nomes, o de *Carnaval*, usado pelos italianos e francezes, parece significar despedida da carne, *Carne Vale*, porque effectivamente della nos despedimos por todo o tempo da quaresma: o termo portuguez *entrudo* ou *intrudo*, dizem uns ser corrupção de *introito*, por que o *entrudo* é como o *introito* dos santos dias de abstinencia e devoção que se seguem aos de fartura e folgança do *entrudo*. Ou-

tros, com mais verosimilhança derivão este termo do antigo castelhano *autruyo*, que tinha a mesma significação. Também alguém quiz que *intrudo* seja o mesmo que intruso, pelos muitos excessos e demasias que antigamente se introduzião contra a decencia e gravidade dos costumes etc.

« Seja como for da origem dos nomes, o certo é que o que neste tempo se faz e se usa em quasi todos os paizes da Europa, é uma imitação mais ou menos fiel das festas populares, conhecidas no antigo *Egypto*, na *Grecia* e *Roma*. Na França sobre tudo, a cerimonia do *boi gordo* recorda visivelmente a antiga procissão do boi Apis, observada pelos egypcios no equinocio da primavera.

« Em *Roma* o carnaval é um divertimento quasi nacional, e em que o governo toma parte, fazendo annunciar por salvas de artilheria a abertura e fim dos jogos, mascaradas e corridas de cavallos, que têm lugar nas ultimas semanas de outubro. O gosto das mascaradas é geral na *Italia*, *Allemanha*, *França*, e *Hespanha*: tanto nas casas particulares, como nos salões publicos e theatros, se fa'em pomposos bailes de mascarar, a que concorrem ainda as pessoas mais distinctas.

« Em *Portugal* os dias de entrudo são geralmente marcados pelos usos mais grosseiros, loucos e até perigosos, de que presentemente só se conservão vestigios entre as classes baixas da sociedade. »

Em o nosso abençoado torrão, (isto agora é meu) que por via de regra também resentia-se dos mesmos costumes, hoje festeja-se o carnaval, mas com reuniões escolhidas, bailes de mascarar onde a decencia e os costumes são respeitadas; certamente não é esta uma das menores provas do nosso progresso na civilisação. O praser nada com isto tem perdido; porém a moral tem ganho muito.

Sabeis o que ainda existe desses carnavalescos e barbaros costumes, são os terrores dos grosseiros assaltos dos antigos jogadores de entrudo, que entravão em qualquer casa, sem mais nem menos, para molharem a torto e a direito todos o que tão encontrando, são ou doentes; são os receios ainda dos limões que se atiravão da rua sobre qualquer senhora que ousava pôr a cabeça fora de sua janella, fosse ou não conhecida i-so era a mesma cousa. Estes receios, ou antes o costume de se acatellarem as familias, foi passando de pais a filhos, de sorte que hoje, que muito distantes estamos já desses marmanjos grosseiros, ainda se notão pelas familias em geral uma tal ou qual desconfiança, que nos dá em resultado a cidade triste e monotona, e a maior parte das janellas fechadas. Ora isto em *Domingo gordo* é um desconsolo...!

E ainda maior desconsolo é estar eu moralizando estas cousas no dia de hoje que se folga e que se brinca sem attender a conselhos, e muito menos a conselheiros. E então quem! eu, que suspiro que me chigue já o carro, que me conduza ao gremio de uma amigavel e escolhida reunião onde a brincar somos todos umas

traquinas crianças neste dia! Querida leitora, uma cousa é ver outra é dizer: pulamos cantamos, gritamos, dançamos, comemos rimo-nos a não poder mais; o alvoroço é tamanho, o movimento é tão continuado, que a visinhança ainda não se pôde acostumar com o nosso praser: sempre nos manda perguntar se ha fogo em casa! Qual! somos nós que estamos brincando: um rancho de moças onde não ha nenhuma de menos de dezeseis annos.

Antes porém de entrar na folia, em primeiro lugar está servir-vos como vos prometti no *Domingo* passado e os annuncios da no sa Redactora em chefe o confirmarão em gorduchas letras estampadas no *Jornal e Diário do Rio*.

Prometti para o Carnaval uma Estampa de figurinos de fantasia, delicados e de bom gosto, e não faltei: até peno o mesmo que me não sahi mal do compromisso. Mas como estas vaidades sinhas levão longe o nosso amor proprio, dispo-me dellas, para não fazer primar somente a minha escolha decidindo do merecimento da Estampa: decidi vós mesma, querida leitora.

Não vos descrevo os vestuarios das tres graciosas figuras, porque longo seria fazelo, e nenhum proveito lucrarei icis deste trabalho, quando, se por ventura escolherdes algum d'entre elles, tereis necessariamente de recorrer a uma modista para o copiar e executar com certeza em todos os seus talhos e accessorios, que é o que tem graça. São os cotes ou trajos estes, que a não serem bem talhados, não prestão para nada: a belleza e a elegancia morrem suplantadas pelo ridiculo que então apresenta o vestuario.

Ah... mas não posso deixar de recomendar-vos a gaiata *Cauchoise* da *Normandia*! Aquella sia azul clara, aquella importante e imperiosa coifa, aquelle todo simples, mas engraçado, revelão o feliz effeito que tão gracioso vestuario produzirá.

E aquella camponesa *Illyzarinna* com sua saia e corpinho escarlate, com seu jaleco de veludo verde guarnecido de ouro! Não achais alguma cousa de magico, de embriagador n'aquelle seu penteado? oh! é um lindo simo costume.

E a *Sicillana*! Que vestuario brilhante, requizimo! Que feiteira elegancia em todos os seus adornos! Aquella saia carmesim em meio regaço, que bello contraste faz com o seu decotado corpinho cor de laranja e o peitilho de ouro! Por certo se eu fosse um rapaz, e visse uma destas tentações... misericordia! ficava louco perdido. Desculpo de todo o meu coração a todo aquelle que se deixar arrastar por bellezas taes; que atravessa salões, que dá cotoveladas e encontrões em todo o mundo com tanto que lhe não perca as ligeiras pisadinhas, que sua em bicas, que suspira uma, duas, tres noites, tantas noites, quantos forem os bailes do carnaval, e que por fim, ainda fica a suspirar: mesmo assim, ainda lhe dou razão.

Querida leitora, o dito dito, guardai-me um cantinho no vosso camarote, que eu lá me acharei com vosco. Permitti, por hoje só, que a *Christina* vá brincar com as suas amigas sem se lembrar de papel, pennas e tinta.

Acceptai um limão-zinho de cheiro sobre o vosso peito, se não estiver suado.

Christina.



UM ADEUS AO COSMEVELHO.

Ao deixar estes logares que me derão vida, ao abandonar estas montanhas, estas aguas que tantas vezes forão testemunhas de meus delirios, meu coração se intristece, minha alma se compunge! Oh! quantas vezes, assentada á beira da estrada, em rude pedra, ou sobre a relva viçosa, a medir com a vista a impetuosidade das aguas, ou a contemplar o ceruleo da abobada celeste, ao despontar da aurora ou ao declinar do dia, meus suspiros se forão juntar com a brisa da manhã ou misturar com o zefiro da tarde!

Quantas vezes pairarão minhas vistas sobre os tectos da cidade, e meu pranto correu saudoso e amargo!...

Quantas vezes, respirando uma feliçeira e voluptuosa aragem, eu via cahir dos arvoredos brincadoras folhas que vinhão saudar a estrada com um amortecido beijo, cujo doce murmúrio ia-se enamoradamente quebrar nos bosques e nos mais vizinhos rochedos!...

Quantas vezes, a branda rola do prado vinha com seu terno e mavioso queixume distrahir-me de minhas tristes e melancolicas meditações!...

E nestes deliquios, só tinha por companheiros estes deliciosos logares; só elles mudos e quédos me davão consolação e alento; sim, eu achava distrações na contemplação de suas maravilhas e encantos; ou no doce e suave canto de seus volateis habitadores, no sussurro melancolic de suas aguas, ou no verde e viçoso de suas plantas.

Cosme-Velho! quanto te devo! Ao deixar-te eu não posso furtar-me a essa lagrima que a gratidão sóe espremer dos olhos da mulher grata e sensível. Mas tu desculpar-me-has, se te recordares de meus pezares, se te lembrares que um nome, um nome querido constantemente pairava em meus labios, esse nome que resume para mim todo um canto de amor; que sóa em meus ouvidos com a melodia dos anjos!... Esse nome, meu Deus, é do idolo de minha alma; este nome enfim é daquelle por quem sempre suspirei, por quem tenho derramado tão sincero pranto! Só elle, oh! querido Cosme-Velho, só elle me fará suavisar a saudade que ao deixar-te se apodera de mim, assim como outr'ora fez atenuar a minha acerba dôr!

Adeus pois, ó Cosme-Velho, logar ameno e delicioso! Oxalá eu possa ainda algum dia vir gozar constantemente esta scena magica dos teus tão feliçeiros encantos.

J. N. C. M.



KAROLINA

Novella polaca.

(CONTINUAÇÃO.)

A DEDICAÇÃO

Erão passadas seis semanas, depois que Luiz visitára pela ultima vez a Karolina. Vivia esta inteiramente apartada do mundo, e como era desgraçada; uns a esquecião, e outros fugião della.

A carta escripta a Leão ficára sem resposta; e Karolina não tinha outro refugio senão sua mãe, nem outra consolação senão a do coração.

A Camarista ainda insistia, mas vendo que Karolina era inabalavel na sua resolução, sahio de Warsovia e retirou-se para o campo. Maldizendo-se por não ter feito todo o mal que quizerá; esta mulher adoeceu.

Nenhum successo qualquer vinha alterar a monotonia em que Karolina vivia; nenhuma consolação lhe chegava para aliviar-lhe seus pezares e inquietações; entre a sua existência presente e a sua existência passada, havia um abysmo immenso.

Por certo que este contraste era horrivel, e Karolina te:ia succumbido sem a religião.

Divina é a religião que faz da esperança uma virtude! Karolina resava, e sua alma pura e resignada, fortificava-se pela oração; e Deus veio em seu soecorro.

Voltando uma manhã da igreja, recebeu Karolina a seguinte carta.

« Pariz 8 de agosto de 1805.

Madame, parti d'essa cidade, sem vós o saberdes, e parti por vosso respeito: toda a felicidade que eu queria para mim, quero-a agora para vós, e só para vós. Fui á Vienna em procura de Leão, mas não o encontrando ahi, vim á Pariz on le me disserão que elle existia. Leão esteve muito doente: hoje porém está melhor; mas a solidão em que vive lhe é tão pesada como os seus remorsos. Ah! se tem culpas, bem cruelmente as está expiando. Confiando-se em mim, fallou-me das intimidades que detesta e que hoje estão rotas. Procuo consolal-o quanto posso, mas recusa-se a toda a esperança de felicidade, por que se julga indigno de perdão.

« Moro com Leão, e com elle dispendo todo o meu tempo, resolvido a não o deixar em quanto não tiver cumprido de todo a minha missão. Pedi-lhe que vós escrevesse, e nem ousa porém fazel-o: principia ora uma outra carta, e logo as rasga: a coragem lhe falta. Queria partir para Warsovia, mas o medico lh'o prohibe. Falla de vós continuamente, e nem por isso lhe peço compaixão. Quem por vós, Madame, se dedica, ainda é feliz!

Luiz.»

No mesmo instante escreveu Karolina a Leão. « Parto amanhã de Warsovia, e dois dias de-

pois da recepção desta carta, estarei em Paris. Espero que não recusareis nem os meus desvelos, nem as minhas consolações, porque sou toda vossa. — Karolina.»

Contemos agora o que occorreu desde que Leão chegou á Paris.

Não tendo Julia recebido resposta de seu marido á propositura do divórcio, recebeu por um momento que elle a viesse procurar em Paris; mas o marido vivia socegado nos Pyreneos no uso das aguas. A presença de Leão como que já incommodava á Julia, posto que ainda não tivesse abandonado a idéa de o espozar, e com o intuito de distrahir-se, procurou ser apresentada nas Tuileries, entendendo que as aventuras a que podia dar lugar esta apresentação, reanimariam o amor desfallecido de Leão; mas o amor é semelhante áquellas flores que murchoão para sempre.

Leão via-a enfeitar-se sem prazer, nem ciúme; estes arrojões de máo humor que são os últimos favores da paixão, tinham cessado; tudo nelle estava adormecido para fazer desesperar. Julia procurando esquecer na sociedade as suas preocupações interiores, travou-se de amizade com a princeza Paulina Borghese, em cuja casa se encontrou com Jeronimo Bonaparte. Namorou-se este de Julia: para uma loura como ella, era uma conquista feliz, e para uma mulher ambiciosa, rajava-lhe a esperança de uma grande fortuna, pois que nesta época, o principe Jeronimo, por ordem do Imperador, se havia divorciado de Isabel Pétersson.

Julia não hesitou em sacrificar Leão, e não tardou em acompanhar Jeronimo para o campo de Bolonha. Antes de partir, escreveu ao seu antigo amante o seguinte:

« O sonho de toda a minha vida era um amor completo, e absoluto: vossa alma não paira na altura da minha: deixo-vos sem esperar. Outro ha que me ama, e me comprehende: acharei neste amor digno de mim, a consolação dos sofrimentos que me causastes! — Julia.»

Irritado Leão, e de alguma sorte, humilhado por este abandono de Julia, não deixou todavia de sentir pela separação alguma coisa de triste e de solenne, dado mesmo que a tivesse desejado. A sua fraca organização, não podendo supportar nem o prazer, nem a dôr, fel-o adoeceu.

Foi nesta occasião que Luiz chegou á Paris, a quem elle recebeu como um mensageiro de paz e de consolação. Não podia duvidar da lealdade de Luiz, por que em verdade os acontecimentos o tinham justificado plenamente.

Pouco a pouco se foi restabelecendo a saude de Leão, e as palavras de Luiz lhe inspirarão esperança. Leão esperava em Karolina como o peccador espera na misericórdia divina.

ALGUMAS CARTAS DE KAROLINA Á SUA MÃI.

« Paris 8 de Setembro de 1805. »

« Venho depositar aos pés de minha mãe a mais bella e a mais preciosa de todas as offerendas, a certeza da minha felicidade. — Já que meu pai a pudesse testemunhar!...

« Cheguei aqui com uma hora de anticipação. Inmediatamente puz-me a caminho para a residência de Leão: atravessei ruas não menos compridas que sujas: não acreditava que estava em Paris; pareceu-me interminavel o tracto. Ah! minha mãe, quanto fui feliz quando vi Leão, que me esperava á porta do hotel...

« É impossivel expressar a nossa alegria: foi um verdadeiro extase! Leão entrou na minha carruagem para me levar para uma bella casa que tinha alugado para mim nos campos Elysios. Tenho principiado a vêr as bellezas de Paris: não ha cousa que se pareça com os boulevards; dos monumentos e dos edificios vos fallarei em outra occasião. O gosto e o espirito tem presido ás concepções as mais grandiosas. Paris é feito para ser apreciado por todas as intelligencias: é uma maravilha.

A primeira vista pareceu-me Leão algum tanto mudado; no entretanto conserva ainda a vivacidade dos olhos e o colorido rosado do seu rosto. Olhavamo-nos um para o outro com tanta expressão, que as palavras nos faltavam. Quando chegamos ás extremidades dos campos Elysios, disse-me Leão: « eis ali a nossa casa. » Atravessamos um pateo guarnecido de laranjeiras e de loureiros, e no fundo da escada nos appareceu Luiz, que nos esperava. Estendi-lhe a mão, e de dentro a alma lhe disse — obrigado. Ah! é á elle sim que eu tudo devo. Antes de descansar quiz escrever esta; serei mais feliz quando vos fallar da minha fortuna; mas Leão que não quer deixar-me um instante, me chama e eu vou á elle, minha querida mãe. Beijo vossas mãos e vossos pés, minha cara mamãe. Pas-o bem e não tenhais o menor incommodo por meu respeito.

Vossa filha feliz — KAROLINA.

« Nossa incomparavel Karolina me anima: ella me diz que vós recebereis as minhas lembranças com indulgencia! aceitai pois os respetos e o reconhecimento de um filho inteiramente dedicado — Leão. »

« Espero que minha mãe não levará a mal o ter eu cedido a penna a Leão. Brevemente escreveremos ao Palatino, e no entretanto lhe protestamos a nossa affeição.

Continua



GRACAS AO OMNIPOTENTE.

Eu creio em ti, meu Deus! no meu delirio
Sorris consolador, no soffrimento,
Do Céu descer-me hei visto.
Dellis a dôr que ameaça esmagar alma;
Quando a chamma do mal da morte abrasa,
De mel um raio manda-nos.

Emilo Adél.

Meu Deus e meu Senhor, meu Pai, meu tudo,
Que d'afflicção me haveis extinto a chamma,
Derrama gratidão vossa clemencia
No peito que por vós grato se inflamma.



Minha musa por vós seja inspirada,
 Aclarai minha mente luminosa,
 Pra que em verso por mim seja cantado
 O milagre que eu vejo fervorosa.

Invoquei-vos, Senhor, bastante afflicta,
 Pra que deixasseis ver compadecido
 A meus olhos aquelle que o chorava;
 E vejo-o allim, Senhor, restab'lecido!

Por vós foi elle, ó Deos, por vós somente,
 Arracado da barbara mão da morte,
 Que buscava sem dó e sem piedade
 Os seus dias findar com o fatal córte!

Recebei pois o pranto agradecido,
 Recebei meu prazer, minha alegria;
 Que jámais o meu estro de louvar-te
 Cessará, ó meu Deos, de noite e dia!

Amalia.



AO ANNIVERSARIO NATALICIO

DE UMA AMIGA ACHANDO-SE ENFERMA.

ACROSTICO.

Cantar o teu natal é meu desejo,
 Assim possa eu vibrar a triste lyra!
 Neste dia minha alma que respira
 Na musa se embriaga em nobre desejo!
 Nada escrevo teu nome, mas só vejo
 despedaçados de dôr teus tristes dias
 A existencia certar-te n'agonias!
 Porém Deos para ti terá guardado
 Futuro venturoso; e d'alegria
 Por ti terei meu estro arrebatado.

Amalia.

É sempre contentes, com o coração palpitando de alegria, que vemos as nossas patricias receber nos laços do hymeneo, coroado das mais bellas esperanças, o premio de suas virtudes, de sua educação e belleza. No dia 31 de janeiro casou-se a Ilma. Sra. D. Maria Luiza Dillon com o Sr. Pedro Luiz Martins. Nesse dia uma linda e mui tocante scena deu-se no brilhante salão do noivado: os pequeninos filhos de uma amiga desta senhora entrarão e caminharão direitos á ella, abraçarão-na com o fervor e a alegria da innocencia, e offerecerão-lhe ao mesmo tempo, a menina um bello ramo de flores, e o menino o seguinte soneto, a qual damos publicamente por ser producção de uma nossa assignante, cuja penna não é extranha aos nossos prelos.

SONETO

Ao feliz consorcio da Ilma. Sra. D. Maria
 Luiza Dillon, no fausto dia 31 de janeiro de
 1853. Os seus pequenos e devotados
 amigos Carlos e Emilia.

O. D. C.

Supra o silencio quanto embarga o pejo,
 E sua tenra idade lbes prohibe.

(Paraphrase.)

Não é para louvar tua belleza;
 Não é para exaltar tua virtude;
 Não é para incensar-te a juventude;
 Que viemos, senhora, com presteza!

Em ti depositou a natureza,
 Todos os dotes com solicitude;
 Impossivel é pois qu'ella se mude;
 E bella, és joven, cheia de pureza!!

Nós viemos somente semear,
 No feliz dia de teu novo estado,
 Flores na senda que tu vais trilhar.

E junto do que sempre te hão amado,
 A Deos Supremo tambem supplicar,
 Que eterno seja o nó hoje ligado.

O LIVRO DE JULIA.

Fragmentos.

(Continuação.)

IX.

Julia, bem quizera eu continuar a escrever no teu livro—porque, facilmente o acreditarás—só quando escrevo cousas que te dizem respeito é que creio verdadeira a phrase, que por ali anda n'essas publicações da moda, os jornaes—que a missão do escriptor é sublime.—

Sublime e bem sublime é ella, mas é que, infelizmente, esses mesmos que apregão alto e a miudo esta verdade eterna, são os que a olvidão mais vezes, contradizendo-se d'estarte ridiculamente.

Quando o volcão da politica arrebatada nas suas lavas escandecentes todas as grandes capacidades, a quem o Eterno incumbira a missão nobre de civilisar o povo, quem os hade substituir? Terá de ficar vaga a cadeira do ensino da humanidade, a que deverão de sobrar sempre os candidatos?

Em quanto no campo e nas praças se contende á força d'armas a preferencia de te ou daquelle systema fundamental de politica, cumpre ao escriptor social, no silencio do gabinete, educar o povo nos principios da justiça e do

MARIDO E MULHER.

dever, afim de estar preparado para abraçar as idéas de progresso e felicidade... ou para reagir, quando lhe quizerem algemar os pulsos e perpetuar-lhe o estado de miséria...

Tudo o que não for isto é degradar a imprensa e prostituir o genio.

E a sociedade permanecerá estacionaria, quando não retrogradar.

Sim, Julia, só quando pegava na penna para traçar ao acaso uma pagina n'este livro é que eu subia á altura de escriptor.

Porque escrevia por convicção, porque me interessava por ti, porque me é tão impossivel prescindir da idéa de te manifestar a minha dedicação, como aos povos é impossivel prescindir de mestres para se illustrarem.

Mas bem longo vai já o livro, e a tua bondade cançar-se-lia talvez com a continuação destas minhas fantasias. Será esta pois o derradeiro fragmento da obra que te dediquei.

Esta composição, como te disse logo nas primeiras linhas, é uma composição falhada n'um gosto bem esquisito, e desusado. Uma colleção de fragmentos soltos, sem transição, sem nexos logico. Mas assim era mister aos meus fins. Eu não escrevi um tratado de moral nem de educação; — não pretendi fallar á alma, nem mover o coração.

Collori, n'o papel, o que vi debuxado, na historia do teu viver anglico; e carreguei mais o piacel quando me pareceu achar uma lacuna.

N'este ultimo caso é que dei mais largas á minha imaginação, fui quasi exaggerado, alguma vez, mas o que queres tu? a alma do poeta foge quasi sempre á realidade amena do possível para elevar-se á idealidade sublime da illusão.

Desde o que existe até ao que elle está convencido poder existir vai uma escalla ascendente, que muitas vezes não está para percorrer, porque lh'o veda o desejo profundo e exaltado da innovação...

Este é o fado do poeta; hade cumpril-o, que não tem outro remedio...

Mas se tu entenderes que n'estes fragmentos alguma coisa boa se póde extremar; — se achares algumas particulas de moralidade envoltas no pó das fantasias; aproveita-as. E o refugio da tua escolha, não o lances ao desprezo.

Pela segunda vez, Julia, te peço que já mais te esqueças d'este livro. Estima-o muito, estima-o como uma offrenda intima de quem te presta, não como tu mereces, mas como cabe em suas forças.

E se os canaes do jornalismo e da imprensa levarem ao gabinete de leitura das jovens da tua idade, algumas copias do teu livro, não tenhas zélos por isso.

Oxalá que ellas, fazendo o processo que eu te aconselho, aproveitem as maximas que aqui vão expenlidas. Oxalá que ellas sintão os effeitos que eu desejo tu experimentes, que então, conseguindo eu um fim duplo, o de interessar a quem amo e o de ser util a quem tributo homenagem de respeito, dar-me-hei por bem pago das minhas horas de illusões doiradas.

J. M. M.

Quando virem um homem e uma senhora aproveitarem todas as occasiões que se lhes offercem em qualquer sociedade para lançarem epigrammas um ao outro, devem inferir que são marido e mulher.

Vendo-se um homem e uma senhora na mesma sege, sem dizerem palavra um ao outro, e olhando um pelo postigo da direita e o outro pelo da esquerda, póde asseverar-se que são marido e mulher.

Vendo-se cahir, por acaso, o leque ou uma luva, da mão de uma senhora, e que o homem que está a seu lado não só se não curva para o apinhar, mas até consente que ella mesma o levante do chão, nenhuma duvida ha que são marido e mulher.

Vendo-se passear um homem e uma mulher a dous passos de distancia, um atraz do outro, e que ao passar por um mão caminho, ou um regato, elle não dá a mão á mulher, e a deixa passar sem cerimonia, claro está que são marido e mulher.

Vendo-se uma senhora, cujas qualidades e prendas encantão a todos geralmente, excepto a um unico homem, o qual pouco sensivel aos elogios que ouve prodigalizar-lhe, falla della seccamente, tenha-se por certo que são marido e mulher.

Vendo-se um homem e uma mulher a ralar continuamente um com o outro, servindo-se com tudo das expressões: « Minha querida, minha amiguinha, meu bemzinho » póde dizer-se que são marido e mulher.

Triste e mui triste é na verdade para o seculo em que vivemos o serem tão positivos estes indícios, e que inculquem quasi sempre o laço que deveria ser o mais doce e consolador da vida! Ah! e quando se reconhecerão o marido e a mulher pela ternura, confiança mutua, união de genios, cuidados reciprocos, e pelo prazer de estarem sempre juntos!...

Este tão justo desejo talvez nunca se veja cumprido.

(Extrahido.)

Por Adelaide P.



CHRONICA DA QUINZENA.

Amabilisimas leitoras; principia o bo'icio das festas, dos bailes, theatros, entrudos, mascarados, procissões... e de tantas cousas bellas e agradaveis, que nos faltará talvez espaço para a avultada materia: a vossa chronista vos dará somente conta do mais notavel, e do que melhor vos possa interessar.

Se a tanto lhe ajudar
Engenho e arte.

Ora digão lá que não cito Camões!

A calma intensa, porém, que ainda abraza o bello risenho de Janeiro, não deixa gosar com satisfação tantos divertimentos, e apesar de quanto gelo e sorvetes nos forneção Francioni, Castellões, Carceller e Companhia: e assim andaremos em quanto Dom Inverno não fór desdobrando os mantos de seus arminhos e pelúcias com neblinas temperadas que rociem o alvorecer.

Esperemos pois estação mais *ben gua*, e entretanto vamos á nossa tarefa.

FESTAS. — No dia 20 solemnizou-se na Capella Imperial o martyr S. Sebastião: esta festividade só tem de notavel ser o Sarito o Padroeiro desta muito leal e heroica Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro: he uverão salvas e *luminarias* nos tres dias anteriores.

No dia 27 quando principiava a mover-se a proccissão, foi embargada pela chuva: mais de uma dona ficou legrada, inclusive *dona eu*: e se acto religioso veio encontrar-se depois no dia 30 com a festa que se fez na Igreja de N. Sra. do Parto, pela Corporação dos Ourives, ao seu Padroeiro S. Eloy. A Igreja esteve ricamente armada, houve boa musica, coreto fóra e fogueiras por toda a rua dos Ourives até a do Hospicio.

No dia 2 do corrente solemnizou-se na matriz de N. Sra. da Candelaria com toda a magnificencia digna de tão magestoso objecto e da irmandade, a festa da mesma Senhora: serão desnecessarios elgios a uma festa, que é sempre feita com toda a grandeza, e que passa por uma das primicias desta corte.

BAILES. — A 19 heuve o Campestre, que foi pouco concorrido; bonitas miças, lellas vestides; mas, tocou-se a primeira quadrilha, e depois a segunda, e não appareição *cavaheiros*! Tarece-me que ouvi dizer a uma bella que estava a meu lado — *Assim, antes ir dormir para casa.* — Cá por mim acabava com o jogo, e haverião mais bailarinos.

A 28 a Castalia, e a 29 a Sylphide, estiverão mais concorridas e animadas; em um desses bailes primou um penteado á *Strael*, com: eu vestido de *enormilha* rosa sobre o tór de setim branco: quem era ella?... callada: que leuquinhal; seus olhos crão pretos, que farpáero a mais de quatro.

THEATROS. — Realisou-se a abertura do Provisorio no dia 22, em presença de S. M. o Imperador. Pesto que, o concurso fosse numerozo, e com a precedencia de alguns dias os camarotes estivessem todos destruidos, não heuve essa grande affluencia e enthusiasmo que se notava quando os jornaes annunciavão a *Favorita* e *Semiramis*; sem duvida o calor, que nesse dia foi intenso, afugentou muitas pessas do espectáculo.

A representação dos *Martyres* creheu regularmente; os coros do 1.º acto são excellêncs. O 2.º acto é todo de apparato, e esteve perfeitamente ensaiado; os grupos não se auopellavão nem se confundião; es exercicios gymnasticos maravillharão e lerão honra ao Sr. York: o duello dos gladiadores sobre ahiu optimamente; julgamos porém ser *indesculpavel* anachronismo os dançados das bailarinas e seus vestua-

rios; devião ser mais apropriados e melhor caracterisados. O 3.º acto é de uma bella comprehensão: o *son io* de Paleuto é de uma inspiração nobre e poetica, e Donizetti soube melhor comprehender o impulso dessa alma generosa e elevada do que Bellini comprehendu o *son io* da *Norma*. O Sr. Gentili interpretou excellentemente esse pensamento, e se não é um cantor mavioso e delicado, como o Sr. Laboceta, é um cantor de força. Voz sonora e forte, nobreza nos movimentos, inspiração no canto, são qualidades indispensaveis a um cantor, e que não se lhe podem negar: o final deste acto arrebatou, e nelle justificou o Sr. Gentile a nossa opinião. O ultimo acto não é inferior: a conversão de Paul na, a posição de Polento quando invoca o Céu com a mão estendida sobre a cabeça de sua esposa prostrada a seus pés, estasia: o alegre desse duetto é extremamente bello e arrebatador. Finalmente o espectador fica ainda surpreso quando Paulina se offerce ao martyrio. Oh! só quem não sente, só quem não conhece o coração de uma mulher dedicada e amante, deixará de avaliar a molreza dessa alma, que acreditando em uma religião pua e santa, alnega os prazeres desta vida para fruir bens celestes na mansão da eternidade. O final da peça é a repetição da caballeta do duetto, adornada de coros que a fazem sobresahir excellentemente.

Ao Sr. Gentile e á Sra. Candiani cuberão as honras da peça: o Sr. Ramonda esteve abaixo de toda a expressão: principiou desafinado e acabou desafinado: simamente.

A 29 ceu-se a *Norma* como estrêa da Sra. Bertha Kastrop; justificou esta dama a presumpção que a seu respeito concedemos: tem voz firme e agradável, e será boa artista se estudada e caprichada. A Sra. Zecchini cantou bem, e em geral o resto dos actores ressuscitarão a *Norma* do sepulchro, em que a havião amotallado na ultima representação.

Louvor se ao Sr. João Caetano que com o pessoal inconpleto, que lhe legarão as administrações transactas, vai dando soffríveis espectáculos.

S. PEDRO. — A 23 a *Gargaliada*, em que o Sr. João Caetano mostra toda a sua pericia: a 30, *Diana de Chivry*.

CONCERTOS. — Amanhã terá logar o da Sra. Cecília Bożwadowska no salão do Provisorio; são dignes de honroes os artistas que se prestão a coadjuyar a pianista consummada; entre elles figurão os Srs. Destraux, Norcna, Malavasi, Weinberg, e Teulard.

No dia 23 reuniu-se o conservatorio dramático no salão do Provisorio para julgar es libretos que subirão ao seu encateimento: são elles *Lindaia*, *Melma*, e *Paraguassu*. Alguns dos pareceres são escriptos com extremo critério e arte, e hãrão aos seus autores: pedimos ao Sr. presidente do conservatorio que es mande publicar.

Lastimamos que ainda hajão mais desnaturaldas que abandonam seus innocentes filhos pelas portas; isto prova barbarismo e más entranhas, mormente havendo uma casa de expostos onde as innocentes criaturinhas, que ahí são abau-

donadas, encontram a maior caridade: na noite do dia 23 foi achada uma menina branca na porta do Sr. Mello, charuteiro, morador na Cidade Nova. Similhante não merece geral e eterno desprezo.

Minhas leitoras, páro aqui; que tenhais um bello dia, alegre e cheio de venturas éo que vos desejo para o Domingo de carnaval.

5 de Fevereiro.

D. M. A.

SUPERSTIÇÃO.

Andava um dia á caça o grande Abbas, monarcha da Persia, junto á pequena cidade de Netheny, situada em um estreito valle entre duas altas montanhas, e encontrou logo ao amanhecer um homem muito feio, a cuja vista o cavallo do rei se espantou, e o ia lançando fora da sella. Julgando isto de máo agouro, o monarcha em sua raiva gritou que cortassem a cabeça ao montanhez. Quando não executar a cruel sentença, o pobre homem pediu que ao menos lhe dissessem o seu crime.—O teu crime! exclamou o rei; o teu crime é a tua desgraçada cara, que foi a primeira que vi esta madrugada, e que quasi ia sendo a causa de eu cahir do cavallo abaixo.—Ah! senhor, replicou o miseravel; sendo assim, o que devo eu dizer a respeito da cara de V. M. que foi tambem a primeira que vi esta manhã, e que vai ser causa da minha morte?...—O rei sorriu-se da resposta, e mandando soltar o homem, lhe deu um presente, em vez de lhe mandar cortar a cabeça.

O FIDALGO EM TRAMBOLHÃO.

Um fazendeiro escocez de grande nomeiada por sua espantosa força e agilidade nos exercicios corporaes, via-se amiadadas vezes a lutar com as pessoas a quem a curioidade levava a medirem-se com elle. Lord Darmouth, grande apaixonado da luta, sahiu de propósito de Londres para ir experimentar suas forças com o athleta escocez. Trabalhava este em um cercado contíguo á sua casa, quando chegou o nobre lord, o qual, pondo pé em terra, entrou com o cavallo á mão, prendeu-o á uma arvore, fechou a cancella, e dirigindo-se ao fazendeiro lhe disse: «Meu amigo, tendo ouvi lo fallar muito de vós, venho de Londres aqui procurar-vos para experimentarmos um pouco as nossas forças.» O fazendeiro, sem responder una só palavra, agarra o lord pelo meio do corpo, atira com elle por cima do cercado, e depois volta á sua obra com o maior sangue frio. Quando o curioso lord se levantou conforme pôde da sua viagem aérea: «Então, quereis mais alguma cousa? lhe perguntou o fazendeiro de dentro do cercado.—Não, agradeço-vos muito, respondeo S. Ex.; ten'le somente a bondade de me atirar cá tambem com o meu cavallo.

Levou o transbolhão; mas a resposta é de gaiato de gosto.

DESCOBERTA PARA AFUGENTAR OS RATOS.

Para afugentar os ratos, e livrar da sua destruição todos os objectos, basta tapar os buracos por onde elles costumam a sahir, com alguns ramos de agriões, renovando-os de quatro em quatro dias durante duas semanas; ou espalhar da mesma sorte os agriões nas dispensas, ou logares mais expostos ás destruições destes terriveis animaes: qualquer objecto em tórno do qual se espilhem folhas desta planta, está completamente defendido dos ataques dos ratos.

COLHERES DE PRATA.

Acontece ordinariamente que os ovos cosidos ou fritos dão á prata das colheres, ou qualquer outra peça que com elles sirvão, uma cor d'negrida com manchas avermelhadas, que custão muito a fazer-lhe perder; isto porém se conseguirá facilmente, esfregando a prata com ferugem.



ANEDOTAS.

Um sujeito que tinha duas filhas, perguntou-lhes um dia, se querião casar:—Eu casar! respondeu a mais velha, *Libera nos, domiue.*—Ai! não a acreditas, senhor; acudiu a mais moça; a respeito de casar, *Te rogamus, audi uos.*

Um pintor de mediocre talento applicou-se á medicina; e como se lhe perguntasse a razão desta mudança, respondeu:—E' porque na pintura todos os erros estão expostos aos olhos do publico, mas na medicina são enterrados com o doente, e ninguem os conhece.

Uma brilhante estampa com tres figuras coloridas de ricos e engraçados vestuarios de fantasia acompanha a este numero.